

CONSIDERAÇÕES EM TORNO DE ALGUNS ASPECTOS ECONÓMICOS DO FERRO INICIAL NO NOROESTE PORTUGUÊS

por

Ana M. S. Bettencourt*

1. INTRODUÇÃO

A Idade do Ferro é uma construção teórica que se apoia, essencialmente, em critérios de mudança da cultura material que se crêem reveladores de alterações tecnológicas, socio-económicas e ideológicas, face ao Bronze Final. Falamos da alteração substancial das representatividades de formas cerâmicas conhecidas, do incremento de outras formas em associação com modificações importantes em termos técnicos e decorativos, da ocorrência de novos artefactos de bronze, da circulação de alguns objectos em ferro e da intensificação da arquitectura pétreia, embora de forma assimétrica.

A cronologia inicial desta etapa cronológico-cultural é problemática. Carlos Alberto F. Almeida (1983) estabeleceu-a nos finais do séc. IV a.C., Armando Coelho F. da Silva (1986), no séc. VI a.C., Manuela Martins (1990) nos séculos VI/V a.C. e Jorge Alarcão (1992) a partir do séc. VII a.C.

Na última década do séc. XX, novas investigações no Noroeste Português (B. ALMEIDA, 1996; BETTENCOURT, 1999; 2000a, 2000b, 2000c, 2001a; DINIS, 1993, 1993/1994a, 1993/1994b, 1999, 2001), tem permitido acusar assimetrias de desenvolvimento entre diferentes regiões, o que deverá relacionar-se com a emergência, a distintas temporalidades, do que se convencionou chamar Idade do Ferro. Nalgumas regiões costeiras do Noroeste Português e da Galiza, esta etapa cronológico-cultural poderá ter ocorrido durante o 2º quartel do I milénio AC. É o que sugerem as datações do Coto da Pena (Caminha, Viana do Castelo), de Torroso (Pontevedra) e, eventualmente, de Penices (Vila Nova de Famalicão, Braga). Em zonas mais interiores, a Idade do Ferro parece emergir, apenas, nos inícios do séc. IV AC (dat. calibradas), tendo em conta os dados de S. Julião (Vila Verde, Braga), de S. João de Rei (Póvoa de Lanhoso, Braga), dos povoados da bacia do médio Ulla (Galiza) e, possivelmente, o do Crastoeiro (Mondim de Basto, Vila Real). Deste modo, o que se admite é um processo de transição entre a Idade do Bronze e a do Ferro

* Professora Auxiliar da Universidade do Minho.

que poderá ter sido mais lento em regiões que conseguiram manter-se à margem ou que foram pouco tocadas pelos fenómenos verificados no litoral.

Aproximamo-nos, assim, de L. X. Carballo Arceo (1990: 324) que situa os inícios da Idade do Ferro na 1ª metade do séc. IV a.C., para zonas interiores da Galiza, considerando este fenómeno mais antigo no litoral.

Foi durante a década de oitenta que alguns estudos sobre a Idade do Ferro do Norte de Portugal se alicerçaram em modelos teóricos que permitiram efectuar as primeiras ilações sobre aspectos do povoamento, da sociedade e da economia. Neste contexto, e face a uma certa “pobreza” do registo arqueológico para os inícios da Idade do Ferro, surgiu a hipótese de que este período corresponderia a uma fase de retrocesso económico em relação ao período precedente, ou seja, ao Bronze Final. Tal retrocesso caracterizar-se-ia por uma diminuição da agricultura, uma recessão da metalurgia do bronze, um enfraquecimento do intercâmbio supra-regional e um “empobrecimento” do espólio cerâmico (MARTINS, 1990; 1996). Esta hipótese foi, posteriormente, aceite por A. C. Silva *et alii* (1992) e por J. de Alarcão (1992, 1996). Tendo em conta os mesmos modelos teóricos, mas na posse de um registo arqueológico distinto, L. X. Carballo Arceo (1989; 1990) e A. de la Peña Santos (1992a) defenderam uma hipótese contrária para a Galiza, admitindo ser o Ferro Inicial um período de intensificação agrícola e de incremento dos contactos entre o Noroeste e o mundo meridional, face ao Bronze Final.

No decurso dos anos noventa, ainda no âmbito da arqueologia processual, desenvolveram-se novos projectos de investigação no Noroeste português, centrados no povoamento do I milénio AC. Destes trabalhos resultaram uma série de publicações que deram a conhecer, não só, as características artefactuais e as estruturas internas de vários povoados, mas também o resultado das análises de inúmeros ecofactos aí recolhidos. Tal possibilitou as primeiras tentativas de reconstituição paleoecológica e novos ensaios interpretativos sobre o modo de vida das comunidades do Bronze Final e da Idade do Ferro do Noroeste português, nomeadamente do Ferro Inicial (B. ALMEIDA, 1996; AIRA RODRIGUEZ & RAMIL-REGO, 1995; DOPAZO MARTINEZ, 1996; DOPAZO MARTINEZ *et alii*, 1996; DIAZ-FIERROS VIQUEIRA *et alii*, 1992/1994; BETTENCOURT, 1999; 2000a, 2000b; 2001a; DINIS, 1993; 1993/1994; 1999; 2001; FIGUEIRAL, 1990; 1993; 1995a; 1995b; 2000a; 2000b; 2001; RAMIL REGO *et alii*, 1996; QUEIROGA, 1992).

Foi neste contexto que a autora desenvolveu o projecto intitulado *A paisagem e o homem na bacia do Cávado, durante o II e o I milénios AC*, terminado em 1999. Os novos dados então postos a descoberto em vários povoados, a reavaliação dos dados provenientes de escavações antigas e a inserção deste acervo informativo a uma escala mais ampla de análise, ou seja, o Noroeste português, permitiu-lhe visitar algumas hipóteses efectuadas para a região, nomeadamente a da recessão económica para o Ferro Inicial. Embora os vários domínios da actividade humana não possam ser encarados como compartimentos estanques óptimos, para a consecução deste trabalho, por analisar apenas os seguintes itens: a agricultura, a metalurgia do bronze e o intercâmbio supra-regional.

2. O FERRO INICIAL DO NOROESTE PORTUGUÊS: ALGUNS ASPECTOS ECONÓMICOS

2.1. A agricultura

A reconstituição do sistema agrícola foi efectuada com base em dados paleoecológicos (resultantes de análises polínicas, antracológicas, paleocarpológicas e arqueozoológicas), assim como em dados relacionados com o povoamento e as características internas dos povoados.

Os estudos polínicos foram realizados apenas nos níveis de transição Bronze/Ferro de S. João de Rei I (Póvoa de Lanhoso) e de S. Julião Id (Vila Verde). Em ambos os casos foi possível verificar a generalização da deflorestação e a existência de um coberto vegetal aberto, caracterizado por espécies indicadoras de actividades antrópicas e de degradação avançada dos solos. De referir, ainda, a curva contínua de cereal no diagrama polínico de S. João de Rei I. Todo este conjunto de dados é concordante com a existência de uma actividade agrícola permanente e intensiva, em redor desses povoados.

Também os dados da antracologia, extraídos dos níveis de transição Bronze/Ferro de S. Julião Id, S. João de Rei I, Vasconcelos (Braga) e dos níveis do Ferro Inicial do Crastoeiro I (Mondim de Basto), S. João de Rei II, Penices II (Vila Nova de Famalicão) e, eventualmente, Ermidas (Vila Nova de Famalicão) atestam uma grande degradação da paisagem e o desenvolvimento de inúmeras plantas arvenses, características de uma forte acção antrópica associada a actividades agrícolas no espaço envolvente destes povoados.

Os resultados da paleocarpologia do Crastoeiro I, S. João de Rei I e II, S. Julião Id e II e Vasconcelos são concordantes com os dados anteriores ao demonstrarem que durante a emergência do Ferro Inicial e o seu período de vigência, foram cultivados cereais, leguminosas e crucíferas, assim como recolhidas bolotas, entre outros frutos (Quadro Paleocarpológico I). Pelos inícios da Idade do Ferro, parece ter-se introduzido a aveia como cereal cultivado, dada a sua identificação, pela primeira vez, no Crastoeiro I e em S. João de Rei II (Quadro Paleocarpológico II). Este cereal, cultivado durante o Inverno e de grande importância como forragem para o gado bovino e cavalariço, pode indicar um sistema pastoril menos extensivo e uma agricultura mais intensiva.

Tendo em conta os resultados dos estudos polínicos, antracológicos e paleocarpológicos efectuados em povoados de diferentes bacias fluviais do Noroeste português, é possível admitir uma acção sinantrópica, bem acentuada, a partir de 2500 BP, ou seja, a partir do 2º quartel do I milénio AC.

A intensificação agrícola é também corroborada pela distribuição de povoados do Ferro Inicial em ecologia de vale ou em remates de esporões baixos, com acesso a solos agrícolas de classe A, nos seus territórios prováveis de 30m pedestres. Referimo-nos ao Castro Máximo I (Braga)¹, ao Crastoeiro I (Mondim de Basto), ao Lago I (Amares), a S. João de Rei II (Póvoa de Lanhoso) e a Penices II (Vila Nova de Famalicão), comprovando indiscutivelmente a hipótese de M. Martins (1990), de que os "castros agrícolas" são

¹ Em escavações recentes, na base da vertente noroeste deste povoado, em conexão com a bacia aluvial do Cávado, foi detectada uma ocupação do Ferro Inicial.

fenómenos antigos dentro do I milénio AC e da Idade do Ferro².

Em abono desta hipótese registe-se que, em alguns destes povoados, ocorrem estruturas de armazenagem de porte significativo (Crastoeiro I, S. João de Rei I e II), o que faz pressupor a existência de técnicas de drenagem e o conhecimento de um arado capaz de lavrar terras de vale ou de vertentes muito suaves, pondo assim em questão a hipótese de F. Calo Lourido (1993) que sustenta uma agricultura de enxada até à romanização.

A eventual intensificação agro-silvo-pastoril deduzida pelos indicadores paleo-ecológicos, topográficos e pela estrutura interna de alguns povoados terá exigido, igualmente, o desenvolvimento de sistemas de fertilização (afolhamento, pousio, estrumagem, rotatividade de plantas, queimadas, utilização temporária das terras em pousio como currais), o que implica sociedades coesas, estáveis e que canalizam grande parte das suas energias para tarefas tradicionais ligadas à agro-pastorícia.

Os dados arqueozoológicos, apesar de raros, demonstram a existência de animais domésticos, nesta fase. Foi registado o cavalo, no Coto da Pena II (Caminha) e restos de bovinos no Barbudo IIB (Vila Verde), animais concorrentes com o homem em termos alimentares, o que pressupõe uma agricultura desenvolvida e excedentária (Quadro Arqueozoológico I). Da importância do cavalo na Idade do Ferro do Noroeste, falam-nos os escritores clássicos Estrabão e Plínio. O primeiro, ao referir a riqueza de gado no Noroeste, diz serem os cavalos animais usados para o transporte humano, exercícios físicos ou sacrifícios (CARDOSO, 1994: 68, 70).

A uma escala mais ampla de análise, como a do Noroeste peninsular, os dados polínicos de turfeiras e povoados, paleocarpológicos, arqueozoológicos, antracológicos e arqueológicos, também permitem inferir a existência, a partir de 2500 BP, da generalização das práticas agrícolas e pastoris, por parte das sociedades do Ferro Inicial e da sua intensificação, face à etapa anterior.

Diagramas polínicos de estações arqueológicas que evidenciaram estas características, durante o 2º e 3º quartéis do I milénio AC, foram extraídos de povoados como Borneiro (Corunha), Castrovite (Pontevedra), Coto do Mosteiro, Montaz (Pontevedra), Penalba (Pontevedra), Penarrubia (Lugo) e Torroso (Pontevedra) (Quadro Paleocarpológico I e II).

Macrorrestos indicadores de uma eventual policultura, entre cereais de Verão e de Inverno, como o trigo, a cevada e o milho miúdo e leguminosas e crucíferas, são provenientes de vários povoados, essencialmente, de Castrovite e Montaz (Quadro Paleocarpológico I e II).

Os dados arqueozoológicos também demonstram a presença de animais domésticos, com predomínio de ovicaprinos, suínos e bovinos para os povoados galegos deste período (Quadro Arqueozoológico I).

Em suma, o conjunto destes dados, torna difícil sustentar, para a transição Bronze/Ferro e para os inícios da Idade do Ferro do Noroeste português, uma postura de recessão agrícola e pastoril face ao período anterior. Admitimos, assim, um dinamismo agro-silvo-

² Do mesmo modo, Cabanas II (Braga), Castro Máximo II (Braga), Crastoeiro II (Mondim de Basto), Lago II (Amares), Penices III (Vila Nova de Famalicão) e S. João de Rei III (Póvoa de Lanhoso), todos inseríveis no Ferro Recente, demonstram que os povoados de baixa altitude, vinculados aos vales agrícolas, se perpetuam por toda a Idade do Ferro das bacias do Ave, Cávado e Douro.

-pastoril crescente que, embora a ritmos distintos de região para região, parece ter tocado todo o Noroeste português. Tal concorda, aliás, com os restantes dados encontrados para o Noroeste peninsular.

2.2. Metalurgia do bronze

Quanto à tese da retracção da metalurgia do bronze, os dados mais recentes da bacia do Ave, do Cávado e do Minho, parecem acusar uma manutenção, ou mesmo uma maior diversidade desta actividade.

Na bacia do Ave, em sete povoados (Bagunte, Ermidas, Monte Redondo, Monte Padrão, Penices, Sabroso, Terroso), exumaram-se quatro dezenas de artefactos metálicos. Entre estes, destacamos um machado com rebarbas de fundição, fíbulas de pé alto, fíbulas anulares hispânicas entre outros objectos de difícil interpretação (DINIS, 1993: 133 e segs), a manifestar alguma continuidade com o Bronze Final e a indiciar uma forte metalurgia de bronze durante este período.

Na bacia do Cávado registaram-se artefactos de bronze nos povoados do Barbudo IIA, S. Julião Id e IIA e S. João de Rei II (MARTINS, 1988: 178; 1989: 90; BETTENCOURT, 1999; 2000a; 2000b).

Na bacia do Minho, no povoado do Cossourado (Paredes de Coura), M. F. Silva (1995/1997: 39-57) encontrou dois fragmentos de peças distintas, em bronze, em níveis de ocupação que considera de cronologia antiga dentro da Idade do Ferro. Também A. C. F. Silva (1986), detectou no coto da Pena IB e IIA (Caminha) diversos artefactos e escórias em bronze, assim como cadinhos com aderência desta liga.

Se admitirmos que os machados com teores de chumbo elevados ocorrem a partir da transição do Bronze/Ferro e continuam durante o Ferro Inicial (BETTENCOURT, 1999; 2001b), o número de artefactos em bronze aumentaria consideravelmente durante estas etapas cronológico-culturais.

Na Galiza, os dados do 2º quartel do I milénio AC do povoado de Torroso (Pontevedra), entre outros, permitiram que A. de La Peña Santos (1992a: 380-382, 1992b) defendesse uma continuidade metalúrgica, em termos formais, entre a Idade do Bronze e os inícios do Ferro e um incremento desta actividade para a fase de formação do que denomina "Cultura Castreja".

Perante este conjunto de dados não parece possível sustentar um colapso da metalurgia do bronze no período de transição para a Idade do Ferro e inícios deste, pelo menos nalgumas áreas do Noroeste, ideia, aliás já expressa por F. Queiroga (1992: 62, 106) ao defender que os objectos de bronze dominaram a Idade do Ferro do Noroeste até ao séc. I a.C.

2.3. O intercâmbio supra-regional

Durante a transição do Bronze/Ferro e do Ferro Inicial os produtos forâneos, no Noroeste português, pareçam ser distintos dos da etapa anterior. Introduziram-se algumas novidades artefactuais (cerâmicas com motivos estampilhados, cerâmicas púnicas e áticas, vidros, fíbulas de tipo St.^a Luzia, fíbulas anulares hispânicas, objectos de ferro), técnicas (metalurgia do ferro), matérias-primas (sílex e chumbo) e géneros (introdução da aveia domesticada).

A cerâmica estampilhada ocorre, como material de excepção, a partir dos níveis de transição Bronze Final/Ferro Inicial em S. Julião Id, sendo rapidamente imitada em pastas grosseiras³ (BETTENCOURT, 2000a). Achados cerâmicos de proveniência meridional ocorrem no Coto da Pena II (Caminha), em Stº Estevão da Facha (Ponte de Lima), em S. Lourenço II (Esposende), nas Ermidas II (Famalicão), em Penices II (Famalicão), no Morro da Sé (Porto) e no Castelo de Gaia (Gaia) (F. ALMEIDA *et alii*, 1981: 66, 76; REAL *et alii*, 1985/1986: 24-28; SILVA, 1986: 36, 135; DINIS, 1993: 132; B. ALMEIDA, 1996: 83). Um *Kyliles* teria aparecido em Faria III (Barcelos) (B. ALMEIDA, 1996: 83).

Vários vidros de proveniência meridional são comuns nas Ermidas II (Famalicão).

Artefactos de ferro, em contextos de transição Bronze/Ferros e do Ferro Inicial, conhecem-se em S. Julião Id (Vila Verde) e no Cossourado (Paredes de Coura), respectivamente (BETTENCOURT 1999, 2000a; SILVA, 1995/1997).

As rotas de intercâmbios supra-regionais seriam complexas e diversas, embora, a distribuição de produtos forâneos, na sua maioria de origem meridional, nos povoados do litoral pareça acusar a via marítima como o principal meio de ligação entre Norte e Sul. No entanto, os indicadores precoces da introdução da metalurgia do ferro nos níveis do Ferro Inicial do povoado do Crastoeiro (bacia do médio Douro), segundo A. Dinis (2001), poderão indiciar rotas interiores de intercâmbio com o Sul peninsular.

Os motivos que levaram as populações do Sul a efectuarem “excursões” ao Norte para estabelecerem “trocas comerciais”, não está ainda esclarecido. Contudo, com base nos conhecimentos que temos da época, podemos colocar algumas hipóteses explicativas para esse intercâmbio. Assim, é provável que o estabelecimento de feitorias fenício/púnicas ao longo da costa portuguesa, mesmo a norte do Tejo, como por exemplo Santa Olaia (Montemor-o-Velho), possa ter incentivado a procura de algum estanho no Noroeste. A procura do ouro, abundante nos rios da região, de gado bovino e cavalari ou peles seriam outros factores possíveis de contacto.

Algumas eventuais assimetrias de desenvolvimento verificadas entre as áreas litorais e as do interior poderiam resultar de uma maior “pressão” externa sobre as populações litorais e uma maior resistência a fenómenos inovadores por parte das comunidades do interior.

À escala do Noroeste peninsular, os fenómenos parecem ser idênticos. Há artefactos de origem meridional, por todo o litoral, nomeadamente de cerâmicas púnicas e áticas, datáveis de entre os séculos VI e IV a.C.. Na Galiza, a distribuição desta louça nos povoados litorais, também parece denunciar uma assimetria de desenvolvimento entre o litoral e o interior (CARBALLO ARCEO, 1989; 1990; CRIADO BOADO, 1989, PEÑA SANTOS, 1992a, entre outros). A cerâmica púnica e ática aparece nos povoados de Alobre (Pontevedra), Barõna (Corunha), Castromao (Ourense), Cidade de Cameiro, Elvina (Corunha), Forca, Fozara (Pontevedra), Fuentes de Ropel, Lanzada (Pontevedra), Neixón Pequeno (Corunha)⁴, Recarea (Corunha) (F. ALMEIDA *et alii* 1981: 66; FARIÑA BUSTO

³ O aparecimento de cerâmicas estampilhadas em níveis tão antigos (S. Julião Id), vem contradizer a hipótese de C. A. B. Almeida (1996: 268) de que esta só ocorre nos finais do “Castrejo”, ou seja, no Ferro Recente.

⁴ Onde também apareceu um *arybalos* púnico, em vidro (ACUNA CASTROVIEJO 1976).

et alii, 1983: 120; HIDALGO CUÑARRO *et al*, 1978: 61-67; HIDALGO CUÑARRO, 1984: 374; CALO *et al*, 1985: 15; CARBALLO ARCEO, 1987: 111, 147; CALO LOURIDO, 1993: 57-59). Deste período, temos, ainda, uma fíbula de tipo “*navicella*”, encontrada em Alobre (Pontevedra), artefactos de ferro nos níveis mais recentes de Torroso, no Neixón Pequeno, em Penalba e Lanzada (PEÑA SANTOS, 1992a: 381) e os vidros de Castroverde (REY CASTIÑEIRAS, 1996: 179).

Tendo em conta este acervo documental não parece haver retracção de produtos forâneos no Noroeste português e mesmo peninsular, face aos finais da Idade do Bronze, o que implica que não houve, também, diminuição do intercâmbio supra-regional. Talvez até, só a partir deste momento, esse mesmo intercâmbio possa ter assumido, em áreas litorais, alguma importância, no sentido de estimular uma aceleração de mudanças estruturais.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atendendo ao conjunto dos dados expostos anteriormente, não cremos que o Ferro Inicial do Noroeste de Portugal se possa considerar como um fase de empobrecimento da cultura material, de recessão das práticas agro-pastoris, de isolamento crescente face ao mundo exterior em termos socio-económicos o que teria levado a uma maior ruralização da sociedade. Nos povoados das diversas bacias da região, estão patentes indicadores de intercâmbio à distância, evidências do aumento da produtividade agrícola e pastoril, assim como indícios do desenvolvimento da metalurgia do bronze.

Os indícios apresentados parecem, antes, ser mais concordantes com a hipótese de intensificação económica para os inícios da Idade do Ferro do Noroeste, tal como têm defendido L. X. Carballo Arceo (1989; 1990) e A. de la Peña Santos (1992a) para a Galiza.

Apesar do número significativo de elementos que foi possível reunir neste trabalho, são ainda necessários novos projectos de investigação que decubram novos dados e que valorizem e integrem muito do material descontextualizado existente na região e proveniente de antigas escavações. Só assim será possível efectuar estudos mais gerais sobre a paisagem, o povoamento, a sociedade, a economia e o mundo ideológico do Ferro Inicial, afinal um dos períodos mais desconhecidos da Proto-História do Noroeste Peninsular.

**QUADRO PALEOCARPOLÓGICO I
PRIMEIRA METADE DO I MILÉNIO AC**

Povoados	Cronologia	C	T	H	P	S	A	V	P	B	L	Q	V	S	C	P	Ref. Bibliográficas
		e	r	r	a	e	v	f	i	r	i	u	i	o	o	i	
		r	t	d	n	e	a	s	s	a	n	e	r	r	r		
S. Julião I a, Vila Verde	ICEN-25 (3010±35BP) a ICEN-2279 (2840±45BP)		*		*					*							Dopazo Martínez 1996: 36
Coto da Pena I, Caminha	UGRA-220 (2920±110BP) UGRA-200 (2930±100BP)		*	*	*	*		*	*			*					Silva 1986: 35, 111-112; Silva <i>et al</i> 1987; Silva 1988a: 10
Alto S. Bento, Braga	Último quartel do II, inícios do I milénio AC		*							*	(?)						Giselda Oliveira (com. pes.)
Santinha, Amares	CSIC-1315 (2837±27BP) a CSIC-1085 (2761±50BP)		*	*	*			*	*	*		*		*	?	?	Dopazo Martínez 1996: 43 e segs; Dopazo Martínez <i>et alii</i> 1996
S. Julião Ib, Vila Verde	CSIC-1096 (2789±42BP) a ICEN-829 (2660±45)	∅ ⁵			*			*	*	*		*	*				Aira <i>et al</i> 1995; Dopazo Martínez 1996: 37-39; Dopazo Martínez <i>et alii</i> 1996; Giselda Oliveira (com. pes.)
C. Matos I, Baião	OXA-1759 (2730±70BP) a OXA-2146 (2700±90BP)		*	*	*			*					*				Figueiral <i>et al</i> 1988; Queiroga <i>et al</i> 1989; Hedges <i>et al</i> 1990; Queiroga 1992
B. Frade III, Baião	CSIC-630 (2720±50BP) a CSIC-632 (2710±50BP)											*				*	Silva 1988c
Lavra II, Marco Canav.	OxA-5434 (2675 ± 50BP) CSIC-824 (2665 ± 60BP)		*	*				*								*	Silva 1988a: 18; 1988b: 175; Sanches 1995: 116
Illa de Barxés, Ourense	Bronze Final Sub-boreal/Subatlântico	∅															Aira <i>et al</i> 1989:66-68; Aira <i>et al</i> 1989/1990
Toroso, Pontevedra	GrN-14589 (2635±30BP) a GrN-14587 (2435±30BP)	∅	*	*								*					Dopazo Martínez <i>et alii</i> 1996; Aira <i>et alii</i> 1989: 81-85.
Penalba ⁶ , Pontevedra	UGRA-318 (2630±80BP) a CSIC-636 (2390±50BP)	∅	*		*							*					Aira <i>et al</i> 1985; Alvarez Nuñez 1986; Aira <i>et alii</i> 1989: 73-81; Aira <i>et alii</i> 1990; Dopazo Martínez <i>et alii</i> 1996
S. Julião Ic e Id, Vila Verde	CSIC-1184 (2548±22BP) a CSIC-1141 (2316±17BP)							*				*					Ramil-Rego 1993; Dopazo Martínez <i>et alii</i> 1996.
Coto Mosteiro,	(?) (2560 ± 50BP)	∅										*					Saa Otero 1991
Penarrubia ⁷ , Lugo	CSIC-358 (2510±50BP)	∅	*														Aira <i>et al</i> 1985/1986; Aira <i>et alii</i> 1989; Dopazo Martínez <i>et alii</i> 1996
Vasconcelos, Braga	UtC-4328 (2504±36)							*	*					*	?		Dopazo Martínez <i>et alii</i> 1996
Castrovite, Pontevedra	ICEN-412 (2570±40BP) a CSIC-815 (2300±50BP)		*	*	*			*				*					Carballo Arceo 1989; Fariña Busto 1991; Dopazo Martínez <i>et alii</i> 1996
Romariz, Vila da Feira	UGRA-203 (2550±100BP)							*				*					Silva 1986: 40, 111; Silva 1988: 11
S. João Rei I, Póvoa Lanhoso	UtC-5659 (2443±35) a CSIC-1150 (2357±39)	∅										*					Dopazo Martínez <i>et alii</i> 1996
Montaz, Pontevedra	Bronze Final/Ferro Inicial Fase II	∅	*	*	*												Aira <i>et alii</i> 1989: 92-93; Carballo Arceo 1989: 520, 522, 531; Dopazo Martínez <i>et alii</i> 1996

Resultados das análises paleocarpológicas e polínicas efectuadas em povoados da primeira metade do I milénio AC

⁵ Presença de cereal nas colunas polínicas.

⁶ A data de c. de 3 000BP para o início da ocupação deste povoado, foi considerada anómala.

⁷ Povoado com um só nível de ocupação. A data corresponde ao início da ocupação.

QUADRO PALEOCARPOLÓGICO II
SEGUNDA METADE DO I MILÉNIO AC

Povoados	Cronologia	C	T	H	P	S	A	V	P	B	L	Q	V	S	C	P	Ref. Bibliográficas
		e	r	r	a	e	v	f	i	r	u	i	o	r	r	r	
		r	i	r	n	c	e	a	s	a	n	e	t	r	r	r	
		t	d														
S. Julião II, Vila Verde	Ferro Inicial											*					Martins 1988:19
Borneiro, Corunha	Meados do milénio	◊		*													Aira <i>et alii</i> 1989: 102-104
Troña, Pontevedra	CSIC-690 (2400±50BP) a CSIC-688 (2230±50BP)	◊															Aira <i>et alii</i> 1989: 85-88
Castromao, Ourense	CSIC-638 (2370±50BP) a CSIC-640 (2250±50BP)		*	*	*		*	*				*				*	Fariña Busto 1991; Dopazo Martínez <i>et alii</i> 1996
S. João Rei II, Póvoa Lanhoso	UtC-4784 (2220±37BP) CSIC-1146 (2183±27BP)		*		*		*	*		*	*						Dopazo Martínez <i>et alii</i> 1996
Crastoeiro, Mondim Basto	ICEN-45 (2210±45BP) LY-4936 (2175±40BP)		*	*	*		*					*	*				Queiroga 1985; Figueiral 1990: 118; Queiroga 1992:249; Dinis 1993/1994
Montaz, Pontevedra	CSIC-788 (2210±50BP) a CSIC-789 (2120 ± 50BP)	◊	*									*					Aira <i>et alii</i> 1989: 92-93; Dopazo Martínez <i>et alii</i> 1996
Fozara, Pontevedra	CSIC-693 (2120±50BP) CSIC-692 (2110±50BP)											*				*	Carballo Arceo 1989: 532; Dopazo Martínez <i>et alii</i> 1996
Pedra Moura, Pontevedra	Ferro Recente	◊															Aira <i>et alii</i> 1989: 101-102
Cortegada, Pontevedra	CSIC-783 (2280±50BP) a CSIC-782 (2090±50BP)	◊	*	*	*							*				*	Aira <i>et alii</i> 1989: 90-92; Carballo Arceo 1989: 520, 522, 531; Dopazo Martínez <i>et alii</i> 1996
S. João Rei III, Póvoa Lanhoso	CSIC-1148 (2006±26BP) Nível não romanizado ⁸		*					*				*					Dopazo Martínez <i>et alii</i> 1996; dados inéditos
Castrovite, Pontevedra	CSIC-819 (2220±60BP) a CSIC-818 (1830±50BP)	◊	*										*				Carballo Arceo 1989: 522, 531; Fariña Busto 1991; Saa Otero 1991; Dopazo Martínez <i>et alii</i> 1996

Resultados das análises paleocarpológicas e polínicas efectuadas em povoados da segunda metade do I milénio AC, no Norte de Portugal e Galiza

⁸ Esta data corresponde à camada 5 do Corte 3.

**QUADRO ARQUEOZOOLOGICO 1
O I MILÉNIO AC**

Estação Arqueológica	Cronologia	B	C	O	O	S	E	C	C	Outros	Ref. Bibliográficas
		o	a	v	v	u	q	e	a		
		s	p	i	i	s	r	n	i		
		t	h	a	d	c	e	s			
A Lanzada, Pontevedra	Idade do Ferro	*			*	*				Texugo	Fernandez Rodríguez 1996
Barbudo IIB, Vila Verde	Idade do Ferro	*			*	*	*		*		Martins 1989: 25, 116
Borneiro, Corunha	Idade do Ferro	*			*	*		*			Fernandez Rodríguez 1996; Dopazo Martínez <i>et alii</i> 1996
Cantodorxo, Pontevedra	Idade do Ferro	*			*	*				Raposa	Fernandez Rodríguez 1996; Dopazo Martínez <i>et alii</i> 1996
Castros Velhos, Viana Castelo	Idade do Ferro									Ameijoia e mexilhão	Almeida 1996: 264
Cortegada, Pontevedra	Idade do Ferro				*						Carballo Arceo 1989: 527
Coto da Pena II, Caminha	Idade do Ferro						*	*		Javali	Silva 1986: 113
Fozara, Pontevedra	Idade do Ferro	*			*						Carballo Arceo 1989: 528; Fernandez Rodríguez 1996; Dopazo Martínez <i>et alii</i> 1996
Meirás,	Idade do Ferro	*			*	*				Lobo	Carballo Arceo 1989: 528, 533
Neixón, Corunha	Idade do Ferro	*			*	*					Fernandez Rodríguez 1996
O Achadizo/Cabo Cruz, Corunha	Idade do Ferro	*			*						Fernandez Rodríguez 1996
Orelas, Pontevedra	Idade do Ferro	*			*						Carballo Arceo 1989: 527; Fernandez Rodríguez 1996; Dopazo Martínez <i>et alii</i> 1996
Queiruga, Corunha	Idade do Ferro	*			*						Fernandez Rodríguez 1996
Terroso, Póvoa de Varzim	Idade do Ferro (Séc. II/I a. C.)									Caramujo, lapas, mexilhão, <i>Nucella lapilus</i> L., ouriço do mar	Silva 1986: 114
Troña, Pontevedra	Idade do Ferro	*			*	*					Fernandez Rodríguez 1996; Dopazo Martínez <i>et alii</i> 1996
Vigo, Pontevedra	Idade do Ferro	*			*	*				Aves, carnívoros e lagomorfos	Hidalgo Cunarro 1989: 538; Carballo Arceo 1989: 533

**Resultados das análises arqueozoológicas efectuadas em povoados
do I milénio AC no Norte de Portugal e Galiza**

BIBLIOGRAFIA

- ACUNA CASTROVIEJO, F. (1976). Excavaciones en el Castro de "O Neixón", Campaña de 1973, *Noticiario Arqueológico Hispánico – Prehistoria*, 5, Madrid, pp. 325-330.
- AIRA RODRIGUEZ, M.J. & J.M. Vázquez Varela (1985). Nuevos datos palinológicos sobre la agricultura prehistórica en Galicia (España), *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 25 (2-4), Porto, pp. 241-252.
- AIRA RODRIGUEZ, M. J. & F. Guitian Ojea (1989/1990). Nota sobre el estudio palinológico preliminar realizado en el yacimiento de Barxés (Ourense, España), *Brigantium*, 6, Corunha, pp. 185-189.
- AIRA RODRIGUEZ, M. J. & P. Ramil-Rego (1995). Datos paleobotánicos del Norte de Portugal (Baixo Minho). Estudio polínico y paleocarpológico, *Lagascalia*, 18 (1), pp. 25-38.
- AIRA RODRIGUEZ, M. J.; M. P. Saa Otero & T. Taboada Castro (1989). *Estudios paleobotánicos y edafológicos en yacimientos arqueológicos de Galicia*, Arqueoloxía/Investigación – 4, Ed. Xunta da Galicia.
- AIRA RODRIGUEZ, M.J.; P. Ramil-Rego & A. Alvarez Núñez (1990). Estudio paleocarpológico realizado en el Castro de Penalba (Campolameiro, Pontevedra. España), *Boletín Complutensis*, 16, Madrid, pp. 81-89.
- ALARCÃO, J. (1992). A evolução da cultura castreja, *Conímbriga*, 31, Coimbra, pp. 39-71.
- ALARCÃO, J. (1996). O primeiro milénio, *De Ulisses a Viriato. O primeiro Milénio a.C.*, Ed. Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, pp. 15-30.
- ALMEIDA, C. A. B. (1996). *Povoamento Romano do Litoral Minhoto Entre o Cávado e o Minho*, Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras do Porto (Policopiada).
- ALMEIDA, C. A. F. (1983). Cultura Castreja. Evolução e problemática, *Arqueologia*, 8, Porto, pp. 70-74.
- ALMEIDA, C. A. F.; T. Soeiro; C. A. B. Almeida & A. Baptista (1981). Escavações Arqueológicas em Santo Estevão da Facha, *Arquivo de Ponte de Lima*, 3, Ponte de Lima.
- ALVAREZ NUÑEZ, A. (1986). *Castro de Penalba. Campaña 1983*, Arqueoloxía/Memórias – 4, Santiago de Compostela.
- ANTUNES, M. T. (1991-1992). Povoado proto-histórico de S. Julião (Vila Verde). Elementos arqueozoológicos, *Cadernos de Arqueologia*, 2ª sér., 8/9, Braga, pp. 237-239.
- BETTENCOURT, A. M. (1999). *A paisagem e o homem na bacia do Cávado durante o II e o I milénios AC*, 5 vols. (Dissertação de Doutoramento, na área de Pré-História e História da Antiguidade, apresentada à Universidade do Minho – Policopiada).
- BETTENCOURT, A. M. (2000a). *O povoado de S. Julião, Vila Verde, Norte de Portugal, na Idade do Bronze e na Transição para a Idade do Ferro*, Ed. Cadernos de Arqueologia Monografias – 10, Braga.
- BETTENCOURT, A. M. (2000b). *Estações da Idade do Bronze e Inícios da Idade do Ferro da bacia do Cávado (Norte de Portugal)*, Ed. Cadernos de Arqueologia – Monografias – 11, Braga.
- BETTENCOURT, A. M. (2000c). O Vale do Cávado (Norte de Portugal) dos finais do III milénio aos meados do I milénio AC: sequências cronológico-culturais, *Pré-História Recente da Península Ibérica. Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*,

- vol. IV, ADECAP, Porto, pp. 79-93.
- BETTENCOURT, A. M. (2001a). *O povoado da Santinha, Amares, Norte de Portugal, nos finais da Idade do Bronze*, Ed. Cadernos de Arqueologia – Monografias – 12, Braga.
- BETTENCOURT, A. M. (2001b). *Aspectos da metalurgia do bronze durante a proto-história do Entre-Douro-e-Minho*, *Arqueologia*, 26, GEAP, Porto, pp. 13-40.
- CALO LOURIDO, F. (1993). *A cultura castrexa*, Ed. A Nosa Terra, Vigo.
- CALO LOURIDO, F. & T. Soeiro (1986). *Castro de Baroña. Campañas 80/84*, *Arqueoloxía. Memorias – 6*, Santiago de Compostela.
- CARBALLO ARCEO, L. X. (1987). *Castro da Forca. Campaña de 1984*. *Arqueoloxía. Memorias – 8*, Santiago de Compostela.
- CARBALLO ARCEO, L. X. (1989). *A cultura castrexa na bacia media do río Ulla*, Santiago de Compostela (Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade de Santiago de Compostela – Policopiada).
- CARBALLO ARCEO, L. X. (1990). Los castros de la cuenca media del río Ulla y sus relaciones con el medio físico, *Trabajos de Prehistoria*, 47, Madrid, pp. 161-199.
- CARDOSO, J. (1994). *A Geografia da Ibéria segundo Estrabão*, Ed. APPACDM, Braga.
- CARDOSO, J. L. (1996). Bases de subsistência em povoados do Bronze Final e da Idade do Ferro do território português. O testemunho dos mamíferos, *De Ulisses a Viriato. O Primeiro Milénio a.C.*, Ed. Museu Nacional de Arqueologia, pp. 160-170.
- COMENDADOR REY, B. (1995). Sobre la presencia de aluminofosfatos y outros minerales en la provincia de Pontevedra, *Actas del XXII Congreso Nacional de Arqueología (Vigo 1993)*, 1, Vigo, pp. 63-68.
- COMENDADOR REY, B. (1997a). La primera producción metálica del noroeste peninsular, *Actas do IIº Congreso de Arqueología Peninsular (Zamora 1996)*, 2, pp. 509-516.
- COMENDADOR REY, B. (1997b). *Los Inicios de la Metalurgia en el Noroeste de la Península Ibérica*, Ed. Universidade de Santiago de Compostela. Tesis Doctorales 1997.
- COMENDADOR REY, B. (1998). Unha lectura da Idade do Bronze según a tecnoloxía metalúrxica, R. Fábregas Valcarce (ed.) *A Idade do Bronze en Galicia: Novas Perspectivas*, Ed. Cadernos do Seminário de Sargadelos – 77, Corunha, pp. 105-127.
- CRIADO BOADO, F. (1989). Asentamento megalítico y asentamento castreño. Una propuesta de síntesis, *Gallaecia*, 11, pp. 109-137.
- DIAZ-FIERROS VIQUEIRA, F.; T. Taboada Castro; P. Ramil-Rego & M. J. Aira Rodríguez (1992/1994). *Historia y Arqueología da Paissagem. Serra do Bustelo (Braga, Portugal)*, Braga (Relatório Policopiado).
- DINIS, A. (1991/1992). Cerâmicas do Bronze Final de Castelo de Matos (Baião), *Cadernos de Arqueologia*, 8/9, Braga, pp. 119-142.
- DINIS, A. (1993). *Ordenamento do território do Baixo Ave no I milénio A.C.*, (Dissertação de Mestrado, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto – policopiada).
- DINIS, A. (1993/1994). Artefactos em bronze do Castro de Penices (Vila Nova de Famalicão). Abordagem aos métodos de análise em Paleometalurgia, *Cadernos de Arqueologia*, 10/11, pp. 181-201.
- DINIS, A. (1999). Povoamento do Baixo Ave no I milénio a.C., *Actas do III Congreso de Arqueología Peninsular (1996)*, vol. 3, Zamora, pp. 37-48.

- DINIS, A. (2001). *O povoado da Idade do Ferro do Crastoeiro (Mondim de Basto, Norte de Portugal)*, Ed. Cadernos de Arqueologia – Monografias – 13, Braga.
- DOPAZO MARTINEZ, A. (1996). *La dieta vegetal del Noroeste Ibérico durante el Holoceno: una aproximación a través del análisis paleocarpológico*, Memória de Licenciatura apresentada à Universidade de Santiago de Compostela (Policopiada).
- DOPAZO MARTINEZ, A.; C. F. Fernández Rodríguez & P. Ramil-Rego (1996). Arqueometria aplicada a yacimientos galaico-romanos del NW peninsular: valoración de la actividad agrícola y ganadera, P. Ramil-Rego, C. Fernández Rodríguez & M. Rodríguez Guitián (coord.) *Biogeografía Pleistocena – Holocena de la Península Ibérica*, Ed. Xunta de Galicia, Santiago de Compostela, pp. 317-332.
- FARIÑA BUSTO, F. (1991). Datacións absolutas de xacementos galegos, *Cuadernos de Estudios Galegos*, 39 (104), Santiago de Compostela, pp. 49-55.
- FARIÑA BUSTO, F.; F. Arias Vilas & A. Romero Masiá (1983). Panorámica general sobre la cultura castrexa, G. Pereira (ed.), *Estudos de Cultura Castrexa e de História Antiga de Galicia*, Ed. Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela, pp. 87-127.
- FERNÁNDEZ-POSSE, M. D. & I. Montero (1998). Una visión de la metalurgia atlántica en el interior de la Península Ibérica, S. Jorge (ed.) *Actas do Colóquio Existe uma Idade do Bronze Atlântico?*, Lisboa 1995, Ed. IPA, pp. 192-202.
- FERNÁNDEZ RODRIGUEZ, C. (1996). La ganadería y la caza desde la edad del hierro hasta los inicios de la edad media en el Noroeste, *Férvedes*, 3, Lugo, pp. 201-216.
- FERRE, M. C.; J.M. Rey; A. Concheiro & J. M. Vázquez Varela (1996). Contribucion al conocimiento ictiológico del castro de “O Achadizo” (Cabo de Cruz, Coruña, Galicia), P. Ramil-Rego, C. Fernández Rodríguez & M. Rodríguez Guitián (coord.) *Biogeografía Pleistocena – Holocena de la Península Ibérica*, Ed. Xunta de Galicia, Santiago de Compostela, pp. 291-296.
- FIGUEIRAL, I. (1990). *Le nord-ouest du Portugal et les modifications de l'écosystème, du Bronze final à l'époque romaine, d'après l'anthracanalyse de sites archéologiques*, Tese de doutoramento apresentada à Universidade de Montpellier II (Policopiada).
- FIGUEIRAL, I. (2000a) O povoado de S. Julião (Vila Verde): o contributo da antracologia, A. M. Bettencourt (ed.), *O povoado de S. Julião, Vila Verde, Norte de Portugal, na Idade do Bronze e na Transição para a Idade do Ferro*, Ed. Cadernos de Arqueologia Monografias – 10, Braga, pp. 151-157.
- FIGUEIRAL, I. (2000b). O povoado de S. João de Rei (Póvoa de Lanhoso): o contributo da antracologia, A. M. Bettencourt (ed.), *Estações da Idade do Bronze e Inícios da Idade do Ferro da bacia do Cávado (Norte de Portugal)*, Ed. Cadernos de Arqueologia – Monografias – 11, Braga, pp. 253-254.
- FIGUEIRAL, I. (2001). O povoado da Santinha (Amares): o contributo da antracologia, A. M. Bettencourt (ed.), *O povoado da Santinha, Amares, Norte de Portugal, nos finais da Idade do Bronze*, Ed. Cadernos de Arqueologia – Monografias – 12, Braga, pp. 65-73.
- FIGUEIRAL, I. & F. Queiroga (1988). Castelo de Matos. 1982-86, *Arqueologia*, 17, Porto, pp. 137-150.
- HEDGES ET R. E. M.; C. R. Housley; C. R. Bronk; G. J. Vanklinder (1990). Radiocarbon dates from the Oxford AMS system, *Archaeometry*, 32 (2), pp. 211-237.

- HIDALGO CUÑARRO, J. M. & F. J. Costas Gorberna (1978). Importantes hallazgos en el Castro "A Cidade" de Caneiro (Fozara, Ponteareas), "*El Museu de Pontevedra*", 32, Pontevedra, pp. 61-67;
- HIDALGO CUÑARRO, J. M. (1984). El Castro de Vigo y el comercio atlántico romano en Noroeste peninsular, *Revista de Guimarães*, 94, pp. 371-387.
- HIDALGO CUÑARRO, J. M. (1985a). Aproximación a la prehistoria de Vigo (España), *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 25 (2-4), Porto, pp. 253-274.
- HIDALGO CUÑARRO, J. M. (1985b). *Castro de Troña. Campaña 1983*, Arqueoloxía/Memorias - 3, Ed. Xunta de Galicia, Santiago de Compostela.
- HIDALGO CUÑARRO, J. M. (1987). Una fecha de C-14 del castro de Troña, (Ponteareas, Pontevedra), *Cuadernos de Estudios Gallegos*, 37 (102), pp. 30-39.
- HIDALGO CUÑARRO, J. M. (1988/1989). Excavaciones arqueológicas en el castro de Troña (Ponteareas, Pontevedra). Campanas de 1984-1986, *Castrelos*, 1/2, Vigo, pp. 81-108.
- HIDALGO CUÑARRO, J. M. (1989). Pesca y marisqueo en Galicia durante la cultura castreña, *Livro de Homenagem a Jean Roche*, Instituto Nacional de Investigação Científica, Porto, pp. 537-540.
- LOPES, T. (1985/1986). O caso do morro da Sé, *Boletim Cultural*, Câmara Municipal do Porto, 2ª sér, 3/4, pp. 37-41.
- MARTINS, M. (1988). *A Citânia de S. Julião, Vila Verde*, Cadernos de Arqueologia - Monografias nº 2, Braga.
- MARTINS, M. (1989). *O castro do Barbudo, Vila Verde. Resultado das campanhas realizadas entre 1981-1985*, Cadernos de Arqueologia-Monografias 3, Braga.
- MARTINS, M. (1990). *O povoamento proto-histórico e a romanização da bacia do curso médio do Cávado*, Cadernos de Arqueologia-Monografias 5, Braga.
- MARTINS, M. (1993/1994). Continuidade e mudança no I milénio a.C., no Noroeste Português: Os diferentes cenários de representação do dircurso arqueológico, *Cadernos de Arqueologia*, 10-11, Braga, pp. 41-64.
- MARTINS, M. (1996). Povoamento e habitat no Noroeste português durante o 1º milénio a.C., *De Ulisses a Viriato. O primeiro Milénio a.C.*, Ed. Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, pp. 118-133.
- MATEUS, J. & P. Queiroz (1988). Bouça do Frade IIA - Aboboreira (Baião). Análise polínica de cropólito de cervídeo, S. Jorge (éd.), *O Povoado da Bouça do Frade (Baião) no Quadro do Bronze final do Norte de Portugal*, Porto, pp. 115-118.
- PEÑA SANTOS, A. (1992a). El primero milenio a.C. en el área Gallega: génesis y desarrollo del mundo castreño a la luz de la arqueología, *Paleoetnologia de la Península Ibérica. Complutum*, 2-3, Madrid, pp. 373-398.
- PEÑA SANTOS, A. (1992b). *Castro de Torroso (Mos, Pontevedra). Síntesis de las memoria de las campañas de excavaciones 1984-1990*, Arqueoloxía/Memorias-11, Ed. Xunta de Galicia, Corunha.
- QUEIROGA, F. (1992). *War and castros. New approaches to the northwestern portuguese iron age*, Oxford (Dissertação de doutoramento apresentada à Universidade de Oxford - Policopiada).
- QUEIROGA, F. & I. Figueiral (1989). Datações de Carbono 14 para Castelo de Matos, *Boletim Cultural da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão*, 9, Famalicão, pp. 67-69.

- RAMIL-REGO, P. (1993). Evolución climática e historia de la vegetación durante el Pleistoceno Superior y el Holoceno en las regiones montañosas del Noroeste Ibérico, A. Pérez Alberti; L. Guitian Rivera & P. Ramil-Rego (eds) *La Evolución del Paisaje en las Montañas del Entorno de los Caminos Jacobeos*, Ed. Xunta de Galicia, pp. 25-60.
- REAL, M.; M. J. Távora; M. I. Osório; F. F. Teixeira (1985/1986). Escavações Arqueológicas no Morro da Sé, *Boletim Cultural*, Câmara Municipal do Porto, 2ª sér, 3/4, pp. 7-59.
- REY CASTIÑEIRAS, J. (1996). Referencias de tempo na cultura material dos castros galegos, J. M. Hidalgo Cuñarro (ed.) *A Cultura Castrexa Galega a Debate*, Tui, pp. 157-206.
- RODRIGUEZ LOPEZ, C. & C. Fernández Rodríguez (1996). Una aproximación al estudio de los yacimientos castreños del litoral galaico: dimensiones ambientales y económicas, P. Ramil-Rego et alii (coord.) *Biogeografía Pleistocena – Holocena de la Península Ibérica*, Ed. Xunta de Galicia, Santiago de Compostela, pp. 363-375.
- SAA OTERO, M. P. (1991). Estudio paleoecológico do entorno de xacementos castrexos en Galicia, *Arqueoloxía/Informes. Campaña 1988*, 2, Corunha, pp. 313-318.
- SANCHES, M. J. (1995). O povoado da Lavra, serra da Aboboreira, *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de Poder*, Ed.S.E.C., p. 116.
- SIERRA RODRIGUEZ, J. C., A. J. Vazquez Vaamonte & S. Ferreira (1984). *El deposito del Bronce Final de Samieira. Investigación Arqueoanalítica y Experimental*, Boletín Auriense, Anexo 2, Ourense, Ed. Museu Arqueológico Provincial.
- SILVA, A.C. (1986). *A cultura castreja no Noroeste de Portugal*, Paços de Ferreira.
- SILVA, A.C.; L. Raposo & C. T. Silva (1992). *Pré-História de Portugal*, Ed. Universidade Aberta – 57, Lisboa.
- SILVA, A. R. P. (1988a). A paleoetnobotânica na arqueologia portuguesa. Resultados desde 1931 a 1987, *Paleoecologia e Arqueologia*, Vila Nova de Famalicão, pp. 5-36.
- SILVA, A. R. P. (1988b). Os achados de origem vegetal no campo arqueológico da serra da Aboboreira desde 1982 a 1987, *Arqueologia*, Porto, pp. 175-176.
- SILVA, A. R. P. (1988c). Identificação do material botânico proveniente do povoado da Bouça do Frade, S. O. Jorge (ed.) *O povoado da Bouça do Frade (Baião) no quadro do Bronce Final do Norte de Portugal*, GEAP, Porto, pp. 119-124.
- SILVA, M. F. (1995/1997). O povoado fortificado de Cossourado: relatório da primeira campanha de escavações (1993), *Cadernos de Arqueologia e Património*, 4/6, pp. 39-57.